

DAR BONS FRUTOS

Nesta edição

Uma época de diálogo e persistência discreta. Este número acompanha a carta de apoio da GNRC ao Papa Leão XIV, conversas com cardeais após o Consistório, a crescente rede de Vigílias de Oração na Europa e a iniciativa Chamados pelo Nome. Também recebemos novos membros do Conselho, partilhamos o trabalho contemplativo que une pessoas no mundo e conhecemos Collins Otieno, do Quênia. Por fim, um forte testemunho da África do Sul recorda por que acompanhamento, dignidade e esperança permanecem no coração da nossa missão.

GNRC escreve ao Papa Leão	p.1	A homossexualidade não é pecado	p.3
Uma carta aos Cardeais	p.1	Requerentes de asilo LGBTQ	p.5
Vigílias de Oração na Europa	p.2	Collins Otieno Nairobi	p.6
Chamados pelo Nome	p.2	Sussurros no Altar	p.7
Formação Contemplativa e Espiritual	p.3	Fé nas Sombras	p.8
Novos membros do Conselho	p.3		

Dar bons frutos

Que frutos dá a nossa vida?

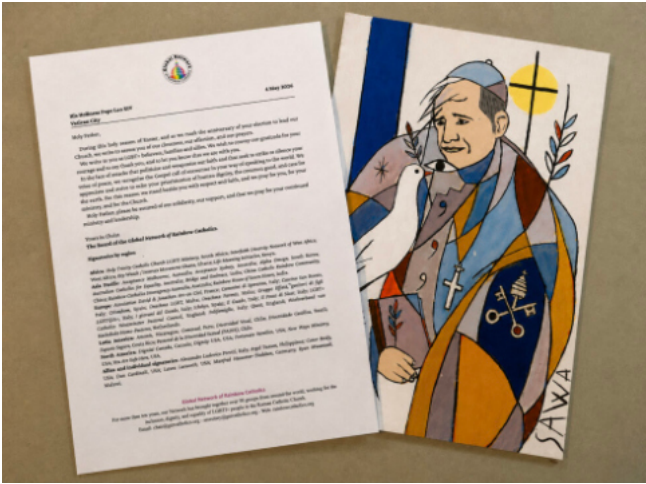
Os bons frutos nascem de conversas que começam pela escuta, não pela certeza. De cartas escritas não para exigir, mas para encorajar. De comunidades que escolhem a oração antes da discussão. As histórias desta edição são sinais desse tipo de fruto.



GNRC escreve ao Papa Leão

Num tempo marcado por incertezas e pelos desafios enfrentados pela Igreja, incluindo as críticas dirigidas ao Papa Leão, a GNRC escreveu-lhe uma carta aberta. Membros, amigos e familiares de pessoas LGBTIQ foram convidados a assiná-la. O objetivo era simples: oferecer ao Papa Leão uma mensagem de amor, oração e apoio e expressar o nosso cuidado pela Igreja que partilhamos.

Em tempos difíceis, todos precisam saber que não estão sós. Com esta carta, a GNRC quis mostrar ao Papa Leão que católicos de vários países estão ao seu lado, rezam por ele e apoiam o seu ministério de diálogo, paz e serviço.



LINK

<https://rainbowcatholics.org/a-letter-of-love-and-support-for-pope-leo-xiv/>

Uma carta aos Cardeais

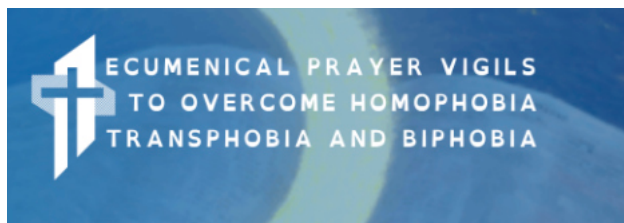
O Conselho da GNRC enviou cartas privadas a bispos e cardeais de vários dos nossos países, desejando-lhes um bom Consistório e expressando o desejo da GNRC de colaborar mais de perto com eles. As cartas propunham diálogo e cooperação para que as experiências dos católicos LGBTIQ, das suas famílias e comunidades pastorais sejam melhor compreendidas e representadas em futuros encontros e conversas na Igreja.

Esta abordagem discreta e pessoal já parece ter aberto espaço para novos contactos. Alguns destinatários responderam às cartas; outros mostraram interesse em conhecer melhor o trabalho da GNRC e as experiências dos nossos membros em diferentes regiões. Estas respostas positivas são um bom sinal para o diálogo futuro, a compreensão mútua e a atenção às necessidades pastorais dos nossos amigos LGBTIQ e das suas famílias.

LINK

<https://rainbowcatholics.org/after-the-consistory-local-voices-and-the-life-of-the-church/>





Vigílias de Oração na Europa

As Vigílias de Oração de 2026 pela Superação da Homofobia, Transfobia e Bifobia reuniram mais de sessenta comunidades cristãs em Itália e noutros países.

Realizadas pela primeira vez em Florença, em 2007, as Vigílias continuam a crescer graças ao trabalho de comunidades católicas e protestantes locais, grupos de cristãos, pais e agentes pastorais. La Tenda di Gionata apoia este caminho comum, ligando comunidades, recolhendo testemunhos e oferecendo recursos litúrgicos e de comunicação. Desde 2024, a GNRC amplia a sua visibilidade através da rede internacional.

Vigílias e celebrações realizaram-se em Itália, Malta e vários países da Europa continental. Em Malta, Drachma manteve uma tradição de quase vinte anos. Na Irlanda, o grupo Le Chéile organizou a primeira Vigília na paróquia católica de Kimmage Manor, em Dublin.

No seu artigo para o site da GNRC, Jo O'Sullivan conta como o grupo irlandês nasceu de conversas na paróquia, criou relações com outras comunidades e se reuniu em oração a 15 de maio. Os materiais de La Tenda di Gionata ajudaram a preparar a liturgia, enquanto a GNRC inseriu a experiência local numa história internacional mais ampla.

As Vigílias continuam a ser obra das comunidades que as celebram. O papel da GNRC é ligar estas experiências, ajudá-las a atravessar fronteiras e facilitar a participação de outras comunidades.

<https://rainbowcatholics.org/project/vigils/>



Chamados pelo Nome

A GNRC apoia uma série de encontros online conduzidos por sacerdotes e religiosas que acompanham, na Igreja, pessoas homoafetivas e trans e as suas famílias.

Cada encontro parte da experiência, da fé e do caminho pastoral de quem faz o convite. Através da oração, reflexão e diálogo, os participantes escutam diferentes vozes da Igreja e refletem sobre acolhimento, acompanhamento espiritual e pertença.

Os primeiros encontros reuniram Irmã Enrica Solmi, Pe. Andrea Bigalli, Pe. Marco Torre e Pe. Luca Lunardon, com novos convites em preparação. A interpretação italiano-inglês permitiu a participação de pessoas de vários países.

A iniciativa Chiamati per Nome (Chamados pelo Nome) é descentralizada e conduzida por pessoas empenhadas. Não pertence à GNRC nem a qualquer outra organização. A GNRC apoia a sua visibilidade através do site, dos canais de comunicação e da rede internacional, ajudando estas vozes pastorais a chegar além das suas comunidades locais.

www.chiamatipernome.org

Formação Contemplativa e Espiritual

Uma comunidade global unida pela oração, pelo silêncio e pela presença partilhada.

O Comité de Formação Contemplativa e Espiritual da GNRC reúne-se quinzenalmente e criou uma comunidade regular de participantes.

Os três membros, Jorge Schoenfeldt, Argel Tuason e Frank Testin, acolhem pessoas da Austrália, Tailândia, Filipinas, Índia, Inglaterra, Canadá e Estados Unidos.

Cada encontro oferece práticas contemplativas, como oração, reflexão e períodos de silêncio. Elas convidam os participantes a reconhecer mais profundamente a presença de Deus em si mesmos e em cada pessoa. As sessões acontecem em sábados alternados, num espaço online de oração oferecido pela Meditation Chapel Online Meditation Community. Todos são bem-vindos, com ou sem experiência prévia de oração contemplativa. A oração contemplativa cria uma ligação que não depende de geografia, língua ou história pessoal. Com o tempo, esta prática pode aprofundar atenção, paciência e compaixão, levando os frutos da contemplação às relações, comunidades e à vida diária.

<https://meditationchapel.org/>

Novos membros do Conselho

Maritza Fuenzalidid & Wanjiru Kariyki



Amiga e colaboradora de longa data da GNRC, Maritza Fuenzalidid é agora Responsável Regional.

Maritza tem formação técnica em Enfermagem e trabalhou como Assistente Administrativa no Chile. Integra Diversidad Vocal e foi membro ativo do Comité Embracing Womyns da GNRC.

Wanjiru é do Quênia e é a mais recente integrante geral do Conselho.

Preside o conselho de Pema Kenya, organização de direitos humanos para minorias de género e sexuais, e integrou o conselho da Global Interfaith Network.

A GNRC recebe Wanjiru com alegria, dando continuidade ao percurso de Georgina Adhiambo (RIP), do Quênia, e Joanita Ssenfuka Warry, do Uganda.

A homossexualidade não é pecado

O bispo Raúl Vera López pede inclusão.

O bispo católico mexicano Raúl Vera López chamou a atenção ao afirmar publicamente que a homossexualidade não deve ser considerada pecado e ao pedir maior inclusão das pessoas LGBT na Igreja Católica. Segundo a Union of Orthodox Journalists, Vera López fez as declarações na abertura do IV Encontro Nacional da organização católica LGBT Red Católica Arcoíris, em Torreón, México. No discurso, descreveu a homossexualidade como um “fenómeno natural” e defendeu que católicos LGBT possam participar plenamente na vida da Igreja, inclusive em funções de liderança espiritual. O bispo afirmou que

a Igreja estaria incompleta sem membros LGBT e defendeu a sua posição após críticas de católicos que discordaram. As declarações geraram debate por tocar numa questão sensível do cristianismo: como conciliar os ensinamentos tradicionais sobre sexualidade com maior acolhimento e inclusão pastoral.

LINK

<https://spzh.eu/en/news/94795-catholic-bishop-declares-that-homosexuality-is-not-a-sin>

O CANTO AFRICANO



Requerentes de asilo LGBTIQ

Entre o medo e a esperança: a minha jornada.

Chamo-me Olamide. Tenho 22 anos.

Há oito meses saí da Nigéria com uma mala e muita esperança. Lá, ser gay tornou-me alvo. As ameaças começaram em murmúrios. Depois tornaram-se reais. Ouvi dizer que a África do Sul era diferente. A Constituição protege todos. Vim para a Cidade do Cabo recomeçar.

De início, parecia possível.

Aluguei uma mesa no bairro e vendi carregadores e auriculares. As pessoas vinham. Voltei a sorrir. Durante algumas semanas, acreditei que estava seguro.

Tudo mudou numa terça-feira.

Ouvi gritos na rua: “Os estrangeiros têm de ir embora.” Em minutos, bancas eram derrubadas a pontapés. A minha foi a seguinte. Alguém atirou uma garrafa. A mesa ardeu. Fugi só com o telefone e a camisa que vestia. Nessa noite dormi numa esteira numa igreja, atento a cada som lá fora. Desde então, vozes altas fazem-me sobressaltar.

Depois disso, a cidade pareceu menor.

Vivo com HIV e preciso de antirretrovirais todos os meses. Depois do ataque, tive medo de ir à clínica. Na última vez, um segurança fez perguntas a que não soube responder. A minha autorização de asilo expirara porque eu temia ir ao Home Affairs. “E se me prenderem?” Faltei a duas consultas. Os comprimidos começaram a acabar. Conheço o risco, para mim e para os outros. Mas às vezes o medo fala mais alto que os factos.

Tentei outras coisas.

Perguntei por um curso de inglês. “Não aceitamos estrangeiros”, disse-me a professora.

Procurei um quarto. Três senhorios subiram o preço ao ouvir o meu sotaque. Um expulsou-me após queixas dos vizinhos.

Voltei a cortar cabelo, ofício aprendido com o meu tio. O dono de um salão ofereceu-me trabalho. “Metade do salário”, disse. “Não podes denunciá-lo.” Assenti e aceitei.

O mais difícil não era o trabalho. Era o silêncio.

Deixei de dizer que sou da Nigéria e que sou gay. Até o grupo de apoio deixou de parecer seguro depois de um membro ser espancado e exposto. À noite pergunto-me: “Se adoecer, se me roubarem, a quem

telefone?”

Sei que a minha história não é só minha. Conheci requerentes de asilo com medo de ir às clínicas, que perderam negócios e não confiam na polícia. A lei dá-nos direito à saúde, segurança e trabalho enquanto os pedidos são analisados. Mas a xenofobia dificulta o acesso a esses direitos.

Mas há esperança.

Uma assistente social da igreja pôs-me em contacto com Lawyers for Human Rights. Ajudam-me a renovar os documentos e encontraram uma clínica onde recebo antirretrovirais sem perguntas sobre a identificação. Um líder do bairro começou a falar com as pessoas sobre quem são realmente os nossos vizinhos.

Ainda tenho medo quando ouço gritos. Mas na semana passada levantei os antirretrovirais a tempo. Estou a poupar para comprar outra máquina de cortar cabelo.

Vim à África do Sul em busca de refúgio. Com apoio jurídico, saúde sem estigma e comunidades dispostas a ouvir, ainda acredito que este país possa ser esse lugar. Para mim. Para milhares como eu.



A minha família: os jovens de LIMI

Sou Collins Otieno, tenho 28 anos e vivo em Utawala, Nairobi, Quênia. Sou fundador e diretor do LIMI Rescue and Psychosocial Centre, organização que oferece abrigo, apoio psicológico e formação a jovens marginalizados e vulneráveis, ajudando-os a reencontrar sentido e reconstruir a vida.

Quais são os teus passatempos?

Adoro futebol e treinar no nosso ginásio artesanal, construído à mão com os jovens e materiais locais. Treinar juntos mantém corpo e mente saudáveis, cria disciplina e confiança e transforma o exercício em convivência. O futebol traz a mesma alegria: equipa, risos e liberdade.



O nosso ginásio artesanal

Qual é o teu artista e a tua canção preferidos? Porquê?

Rina Sawayama, "Chosen Family". A canção fala da minha vida: "não precisamos ser parentes para nos entendermos". Os jovens de LIMI são a família que escolhi e, sempre que a ouço, reforça a certeza de que é o amor, não o sangue, que faz uma família.

Listen: <https://www.youtube.com/watch?v=GTDRg5G77x4>

Qual é o teu filme ou programa de TV preferido? "Flawless". Mostra como a comunidade LGBTQ+ pode ser um espelho: o modo como tratamos os outros é o que refletimos no mundo. Quando agimos com bondade e dignidade, mudamos pouco a pouco a forma como nos vemos. Essa mensagem orienta como procuro viver todos os dias.

<https://www.youtube.com/watch?v=xy0NQbn2C8g>

Qual é a tua comida preferida?

Arroz! Na nossa cultura, é a comida das celebrações. Gosto de celebrar a vida todos os dias, o que convenientemente significa comer arroz sempre. Para mim, evoca alegria, gratidão e união à mesa.



Arroz, a comida das celebrações

Conta-nos um pouco sobre a tua família e os teus amigos.

Os jovens de LIMI são a minha família. Vivemos, cozinhamos, rimos e crescemos juntos. Recordam-me por que a comunidade importa: família não é só sangue, mas também quem caminha connosco. A resiliência e a fraternidade deles dão à minha vida o seu sentido mais profundo.

Quem mais te inspira e porquê?

O Papa Francisco. Admiro como reuniu pessoas de todo o tipo na Igreja, promoveu reformas que acolheram a comunidade LGBTQ+ no culto, valorizou as mulheres e defendeu a paz em lugares como o Sudão do Sul, onde trabalhei. Tinha um coração de ouro que sempre admirarei.

O que poderia mudar o mundo para melhor para a nossa comunidade LGBTQ+ global? O que podes fazer para ajudar nessa mudança?

O amor. Pode tornar o mundo melhor, não só para a comunidade LGBTQ+, mas para todos. A minha parte é amar e aceitar as pessoas como são, com compaixão, e amar-me para que outros me possam amar. Isso já mudou como muitos veem a mim e a outros gays no meu país. Se o amor superar barreiras, construiremos uma sociedade tolerante e, por fim, amorosa para todos.

Sussurros no Altar

O custo silencioso de ser uma mulher queer, católica e queniana.

Todos os domingos junto-me a centenas de fiéis na minha paróquia. Ouço o coro, sento-me no banco, ajoelho-me e baixo a cabeça. Mas quando a assembleia se levanta em uníssono para repetir as orações dos fiéis, o peito aperta-se sob um peso familiar e sufocante. Sou uma mulher queniana, nascida e criada no Quênia. Sou católica devota. E sou queer.

Viver no encontro destas verdades na África atual é existir num estado permanente de exílio, não do meu país, mas da fé que me criou.

-O púlpito como arma-

Na maioria dos países africanos, o púlpito tem enorme poder. O que um bispo diz no domingo de manhã não fica na igreja; molda as leis aprovadas na segunda, decide quem é despejado na terça e desculpa a violência que nos atinge até ao fim da semana.

Nos últimos anos, vimos a liderança eclesial endurecer a hostilidade. Quando o Supremo Tribunal do Quênia confirmou o direito fundamental das organizações LGBTQ+ a registarem-se e reunirem-se, a Conferência dos Bispos Católicos do Quênia condenou publicamente a decisão. Quando o Papa Francisco publicou *Fiducia Supplicans*, documento pastoral que permite aos sacerdotes bênçãos informais e não litúrgicas a casais do mesmo sexo, o Simpósio das Conferências Episcopais de África e Madagáscar (SECAM), liderado pelo cardeal congolês Fridolin Ambongo, recusou a sua aplicação em todo o continente.

Disseram que abençoar um casal do mesmo sexo causaria “confusão cultural” e contrariaria as “crenças africanas”.

Como mulher africana, católica e queer, ler isso foi uma dupla dor:

A afirmação de que pessoas queer são “não africanas” ou uma importação ocidental apaga a nossa história e isola-nos das nossas próprias comunidades.

Líderes religiosos apresentam frequentemente os direitos humanos das mulheres e pessoas LGBTQ+ como ameaças à família, sem espaço para existirmos como filhas, irmãs ou paroquianas.

A minha experiência como mulher queer queniana

não é isolada; repete-se na vida de outras pessoas queer em todo o continente.

-A realidade no terreno-

Uganda: a Anti-Homosexuality Act pune a “homossexualidade agravada” com a pena de morte, empurrando mulheres queer para a clandestinidade ou o exílio forçado.

Gana: o Human Sexual Rights and Family Values Bill visa aliados, ativistas e qualquer pessoa suspeita de ser queer.

Campos regionais: mulheres queer refugiadas que fogem de países vizinhos para o Quênia, por exemplo Kakuma, descobrem que a homofobia atravessa fronteiras e ficam vulneráveis a assédio e violência nos campos.

Quando uma mulher foge de Kampala ou Accra pensando que Nairobi oferecerá refúgio, descobre rapidamente que, embora o quadro jurídico queniano seja um pouco diferente, a condenação social e religiosa parece a mesma. Mulheres queer refugiadas enfrentam um duplo risco: violência de género por serem mulheres e incêndios, agressões e abandono sistémico por serem queer.

-Reapropriação e resistência-

Por que permaneço numa Igreja que insiste em dizer que não pertenço?

Porque o catolicismo não é só uma instituição dirigida por bispos; é o Rosário que a minha avó me deu, o consolo silencioso da oração pessoal e uma teologia que ensina que cada ser humano é criado à imagem e semelhança de Deus.

Por toda a África, mulheres queer realizam discretamente os seus próprios atos de resistência: criamos círculos espirituais alternativos onde podemos rezar, viver o nosso luto e celebrar a fé sem julgamento. Recusamos a ideia de que a nossa identidade seja uma “corrupção ocidental”. Sabemos que somos plenamente africanas, espirituais e humanas.

Ao partilhar as nossas histórias, obrigamos a Igreja e a sociedade a reconhecer que as pessoas demonizadas a partir do altar estão sentadas diante delas, nos bancos.

Os bispos podem recusar-se a abençoar-nos, mas a graça de Deus não lhes pertence. Estamos aqui, somos africanas e nenhuma oração nos fará desaparecer.

Wanjiru Kariuki

Fé nas Sombras

Sobre graça, resistência e os bancos silenciosos

Uma reflexão para a Global Network of Rainbow Catholics (GNRC)

Ser queer em África é viver num ciclo de visibilidade e apagamento. Mas ser queer e católico em África é carregar um paradoxo sagrado: estamos profundamente enraizados na nossa fé, sem pedir desculpa, e ainda assim somos privados de um lugar à mesa. Nas nossas paróquias, de Nairobi a Accra, de Kampala a Gaborone, cantamos no coro, ajoelhamo-nos na oração eucarística e encontramos consolo no Rosário. Mas por trás do culto há profundo isolamento. Somos crentes silenciosos, sentados em bancos onde a nossa existência é condenada pelo púlpito.

-O peso do ambão: uma voz negada-

A principal tragédia dos católicos arco-íris africanos não é só a falta de cuidado pastoral; é não terem voz. Enquanto a Igreja global pratica a escuta sinodal, grande parte da hierarquia do continente fechou a porta ao diálogo.

Quando o Simpósio das Conferências Episcopais de África e Madagáscar (SECAM) rejeitou *Fiducia Supplicans*, declaração do Vaticano que permite bênçãos não litúrgicas a casais em situações irregulares, incluindo os do mesmo sexo, enviou aos fiéis uma mensagem dolorosa. A recusa foi justificada pela preservação da cultura africana e por evitar confusão cultural.

Ao dizer que pessoas queer são uma “importação ocidental não africana”, líderes da Igreja apagam a história africana e ignoram os católicos queer diante deles todos os domingos.

Bispos e clero têm enorme influência sociopolítica, por isso a sua retórica ultrapassa as igrejas. Molda o estigma social, a rejeição familiar e as atitudes políticas.

-À sombra de leis discriminatórias-

Em todo o continente, pessoas LGBTQ+ enfrentam um cenário político cada vez mais hostil, muitas vezes reforçado pela retórica religiosa:

Uganda: a Anti-Homosexuality Act prevê penas severas, incluindo morte para certos crimes de “homossexualidade agravada”, levando muitos crentes

à clandestinidade ou ao exílio.

Gana: a proposta de lei sobre “Direitos Sexuais Humanos e Valores Familiares” procurou criminalizar pessoas LGBTQ+ e também formas de defesa e apoio.

Campos de refugiados: mulheres queer e pessoas trans em fuga podem encontrar novas ameaças, como violência, incêndios e hostilidade nos próprios espaços de refúgio.

Nesses lugares, a oração pode tornar-se um pedido pela simples sobrevivência.

-Luz na escuridão: vitórias conquistadas com esforço-

A história queer africana, porém, não é apenas de vítimas. Mesmo entre a opressão do Estado e o silêncio eclesial, resiliência e graça abrem caminho.

Vitórias jurídicas no Botswana, que descriminalizou relações consensuais entre pessoas do mesmo sexo, e no Quênia, onde organizações LGBTQ+ defenderam o direito ao registo, mostram que a justiça constitucional pode prevalecer.

Comunidades como as redes africanas da GNRC, IDONOWA, Faithful Catholic Souls no Uganda e Rainbow Catholics Zambia criam espaços sagrados próprios. Rezamos juntos, partilhamos o Evangelho e oferecemos o cuidado pastoral tantas vezes negado pelas instituições.

A presença crescente de vozes africanas na GNRC também torna a nossa realidade visível internacionalmente.

-Um apelo à Igreja global-

Recusamos entregar os nossos direitos batismais. Somos africanos, somos queer e somos católicos.

Aos irmãos, irmãs e demais membros da GNRC no mundo, dizemos uma verdade simples: não precisamos de pena; precisamos de voz e solidariedade. Pedimos à Igreja global que se oponha à criminalização, conteste a ideia de que identidades queer são “não africanas” e amplifique quem precisa louvar Deus em sussurros.

Os bispos podem negar-nos as bênçãos, mas não têm o monopólio da graça de Deus. Continuamos aqui, de joelhos, em oração, a reivindicar o nosso lugar no corpo de Cristo.

Wanjiru Kariuki

Fazer a diferença Uma doação de cada vez

A GNRC funciona com trabalho voluntário e não recebe financiamento. Dependemos das quotas dos membros e de donativos graças à generosidade do público. Todos os dias, a Global Network of Rainbow Catholics trabalha para promover inclusão, acolhimento e amor na nossa comunidade diversa. Estamos ao lado das pessoas LGBTQ+, para que se sintam ouvidas, amadas e apoiadas na fé. A nossa rede é mundial, derruba barreiras e defende tratamento igual em todos os aspetos da vida católica.

Mas não podemos fazer isto sozinhos.

Na última página desta edição, convidamos a juntar-se à nossa missão. A GNRC não recebe financiamento e depende da boa vontade dos membros para manter o trabalho diário da organização. O seu donativo, por pequeno que seja, fará uma grande diferença.

Participar

A GNRC procura sempre conhecer novos grupos e pessoas. Talvez queira tornar-se membro ou oferecer algum tempo como voluntário.

<https://rainbowcatholics.org/getinvolved/>

Junte-se a nós.





The Corner © Global Network of Rainbow Catholics

Um convite à oração

*“Toda árvore boa
produz bons frutos.”*

(Mateus 7,17)

rainbowcatholics.org 

rainbowcatholics.org/contact/ 

instagram.com/gnrcatholics/ 

x.com/gnrcatholics/ 

facebook.com/gnrcatholics 

youtube.com/channel/UCz7tS5HOM5kh0wT7yj0iFuA 